

## **A mística-minoritária: um conceito para a análise da experiência religiosa de homens transexuais**

The Mystic-Minority: a Concept for the Analysis of the Religious Experience of Transsexual Men

*John Elton Costa dos Santos<sup>1</sup>  
Maria Teresa Nobre<sup>2</sup>*

### **Resumo**

O artigo discute a experiência religiosa de homens transexuais em espaços de congregação religiosa e tem como objetivo apresentar o conceito de mística-minoritária, como ferramenta para discutir esse fenômeno. A mística-minoritária é um conceito proposto para a análise do processo singular dessa experiência, construído a partir dos autores Michel de Certeau, Gilles Deleuze e Felix Guattari, buscando ampliar os seus conceitos de mística e devir-minoritário. Parte, ainda, das contribuições de Michel Foucault sobre o cuidado de si, considerando a emergência de outras discursividades e a micropolítica ativa nas práticas religiosas de homens transexuais. Trata-se de um ensaio teórico, feito a partir de pesquisa bibliográfica, amparado por uma incursão no campo através de observação participante, em um evento de Igrejas e população LGBTQIA+. As reflexões produzidas acerca da experiência religiosa de homens transexuais evidenciam aspectos dissonantes: por um lado, a potência da reinvenção de novas práticas e símbolos, elementos que apontam à produção de vida; por outro, preconceitos, exclusão, discriminação e assassinatos que expressam um desejo de eliminação da população de LGBTQIA+. Neste cenário, a experiência religiosa tem surgido como uma possibilidade de enfrentamento e resistência, de fortalecimento da vida, na perspectiva de uma vida mística-minoritária, sempre dissidente, sempre devir.

**Palavras-chave:** Homens transexuais; Experiência religiosa; Mística-minoritária.

### **Abstract**

The paper discusses the religious experience of transsexual men in spaces of religious congregation and aims to present the concept of mystic-minority, as a

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutorado em andamento em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGSI/UFRN). E-mail: j.eltonsantos@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Associada vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGSI/UFRN). E-mail tlnobre@hotmail.com.

tool to discuss this phenomenon. The mystical-minority is a concept proposed for the analysis of the singular process of this experience, built from the authors Michel de Certeau, Gilles Deleuze and Felix Guattari, seeking to expand their concepts of mystique and becoming-minority. It also starts from Michel Foucault's contributions on self-care, considering the emergence of other discursivities and active micropolitics in the religious practices of transsexual men. This is a theoretical essay, based on bibliographical research, supported by an incursion into the field through participant observation, in an event of churches and LGBTQIA+. The reflections produced about the religious experience of transsexual men show dissonant aspects: on the one hand, the power of reinventing new practices and symbols, elements that point to the production of life; on the other, prejudice, exclusion, discrimination and murders that express a desire to eliminate the LGBTQIA+ population. In this scenario, the religious experience has emerged as a possibility of confrontation and resistance, of strengthening life, in the perspective of a mystical-minority life, always dissident, always becoming.

**Keywords:** Transsexual men; Religious experience; Mystical-Minority.

## **Introdução**

No contexto atual, de acirramento da intolerância e conservadorismo, frente à questão de identidades de gênero e sexualidades, a incursão de homens transexuais em congregações religiosas - aqui definidas como agrupamentos de pessoas com objetivos em comuns como rituais, crenças e doutrinas específicas - cria rupturas nas relações de poder, saber e produção de subjetividades, num contexto bastante complexo de violação dos direitos humanos.

A partir da nossa experiência como pesquisadores e militantes no campo dos estudos de gênero e direitos humanos, destacamos como violações, principalmente, a falta de assistência à saúde e, como consequência, a automedicação de hormônios e outras de técnicas de transformação corporal, danosas à saúde. No âmbito da saúde mental, os efeitos emocionais de viver em uma sociedade transfóbica são evidenciados por relatos de violência sexual, depressão, ideação e tentativa de suicídio.

Neste artigo adotamos uma perspectiva de gênero baseada nas concepções de Deleuze e Guattari (1976, 1997) para quem o gênero (enquanto identidade)

está apoiado nos fluxos molares<sup>3</sup> que dão forma a um rosto identitário, integrado à estrutura social e cultural reconhecida: homem, mulher, masculino, feminino, macho e fêmea. A transgeneridade e a homossexualidade, também elas, podem configurar um rosto identitário: a transexual, a travesti, o *gay*, a lésbica etc. As letras LGBTQAI+<sup>4</sup> significam composição de identidades políticas. Entretanto, o que está em jogo é—não é constituição identitária de pessoas e grupos, em si mesma, mas a realidade molecular do desejo que desafia a constituição binária do sexo. E nesse jogo, podemos dizer que, para Deleuze e Guattari (1997), a realidade molecular do desejo é produtiva de “*n sexos*”:

Os ritos de travestismo, de travestimento, nas sociedades primitivas onde o homem torna-se mulher, não se explicam nem por uma organização social que faria corresponder relações dadas, nem por uma organização psíquica que faria com que o homem desejasse ser mulher, tanto quanto a mulher ser homem. A estrutura social, a identificação psíquica deixam de lado demasiados fatores especiais: o encadeamento, a precipitação e a comunicação de devires que o travesti desencadeia [...] É a mesma coisa para a sexualidade: esta se explica mal pela organização binária dos sexos, e não se explica melhor por uma organização bissexuada de cada um dos dois. A sexualidade coloca em jogo devires conjugados demasiadamente diversos que são como *n* sexos, toda uma máquina de guerra pela qual o amor passa (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 71).

Nos estudos sobre gênero e religião, a experiência contraditória a partir da *religião vivida* é um dos focos de debates no campo político dos movimentos feministas (ROSADO, 2015; VUOLA, 2015) e levada como problemática sobre a real função das religiões no mundo contemporâneo (RAGO, 2015). No campo político, um dos direitos reivindicados pela população LGBTQIA+ é o acesso à religiosidade em espaços seguros e a garantia efetiva de participação sem ser alvo

---

<sup>3</sup> Molar e Molecular são termos originados do campo da química. A esquizoanálise deu a eles outro território, passando-lhes da química para a filosofia. Nesse sentido, molar está relacionado à quantidade unificada, à sobrecodificação, à identidade, ao *rosto*, ao instituído. Por exemplo, o Estado é um organizador centralizante de política de identidade e, nesse sentido, é molar porque homogeneiza subjetividades. Já o molecular está relacionado ao movimento, aos fluxos, aos devires, à *desrostificação* e ao não identitário (DELEUZE; GUATTARI, 1976).

<sup>4</sup> As letras e símbolos significam: Lésbicas; *Gays*, Transgêneros, *Queer*, Assexuais, Intersexo e o “+” corresponde à ilimitada expressão de gêneros e sexualidades.

de discriminação e violência. Entretanto, a religião no Brasil, majoritariamente as de tradição judaico-cristã, vem sendo utilizada para deslegitimar qualquer existência que não seja heterossexual e cisgênera. Discursos de segmento evangélico integram outros discursos conservadores, na utilização de textos bíblicos para se referir à homossexualidade e transexualidade como abominação e pecado.

David Lapoujade (2017) em seu livro *As existências mínimas*, problematiza a diferença e a relação entre a existência e a realidade; compreende que “lidamos com seres que são obrigados a mudar de plano de existência para aumentar sua realidade (p. 12)”. Associamos essa passagem do livro às minorias sociais e, especificamente, com a população LGBTQIA+, cujo direito de existir é constrangido. Sujeitos que são obrigados a mudar de plano de existência para intensificar ou transformar a sua realidade, inclusive no âmbito das suas experiências religiosas.

O cenário político brasileiro tem mostrado como as religiões participam na estruturação de uma realidade constrangedora de existência. E nessa relação entre política e religião há a produção de uma teologia ofensiva, na qual os gêneros e as sexualidades dissidentes são vistos como uma *ideologia* ou uma doença que deve ser curada. Essa teologia ofensiva, de origem judaico-cristã, tem integrado toda uma agenda política conservadora e ditatorial.

Para a pesquisadora Sonia Corrêa (2018), o movimento político-religioso é transnacional e tem se constituído como uma política antigênero, fabricada pelo Vaticano e seus aliados no contexto das conferências das Nações Unidas dos anos 1990 e começo dos anos 2000. Essa agenda mundial é gestada nas altas arenas intergovernamentais e se manifesta em todo mundo, especificamente na Europa e na América Latina.

No Brasil, o neopentecostalismo, a partir de sua bancada evangélica no Congresso Nacional tem impedido o avanço de políticas públicas para as minorias. De acordo com Nardi, Machado e Silveira (2015, p. 7): “A ponderação

entre os direitos sexuais – incluindo o princípio da liberdade de orientação sexual e de identidade de gênero – e a liberdade religiosa tem afetado a definição das políticas públicas brasileiras”.

No cotidiano das vidas LGBTQIA+, os estudos etnográficos apontam para as diversas formas de discriminação no interior das religiões, com vivência de reversão ou cura *gay*. Por outro lado, o número de Igrejas Inclusivas cresce no Brasil, constituindo-se como espaços livres para a experiência religiosa. A principal função dessas igrejas é o acolhimento de pessoas de gênero e sexualidade dissidentes e são, majoritariamente, evangélicas (NATIVIDADE, 2006; JESUS, 2010; NATIVIDADE, OLIVEIRA, 2013; HONORATO, 2016).

No âmbito das nossas pesquisas relacionadas ao acompanhamento de um coletivo de garotos transexuais no atendimento psicossocial e de organização política (no caso do primeiro autor) e de atendimento a pessoas transexuais na esfera da garantia de direitos sociais vinculado a um centro de referência em direitos humanos (no caso da segunda autora), as experiências religiosas aparecem de forma contraditória. Para alguns garotos transexuais a religião é um dos espaços de reafirmação da heterocisnormatividade, que pode ser utilizada pelos familiares e/ou integrantes da religião como estratégia para o controle e a vigilância dos comportamentos sexuais e das expressões de gênero. Apesar disso, para muitos, a religião possui aspectos positivos sobre a interpretação da transexualidade, oferecendo acolhimento e sustentação, através da criação de outras práticas por meio de trajetórias singulares de vivência religiosa. Um tipo de experiência que ocorre fora dos códigos morais e do binarismo de gênero.

Esse processo criativo expressa, em alguma medida, a autonomia desses sujeitos na construção de um devir místico. Vale destacar que essas práticas religiosas não se limitam a uma constituição de identidade religiosa, mas transbordam, movimentando-se e transformando-se e, de forma fluída, integram a experiência mística de cada sujeito. E aqui tomamos o conceito de experiência a partir de Michel Foucault (2018), como uma marca que permeia toda sua obra

e se intensifica a partir de suas experiências pessoais, especialmente sobre sua experiência vivida no Irã no fim da década de 1970, durante a revolução iraniana.

Para Revel (2005, p. 49):

A partir dos anos 70, é, pois sobre o terreno de uma prática coletiva que Foucault procura situar o problema da experiência como momento de transformação: o termo passará, então, a ser associado ao mesmo tempo à resistência aos dispositivos de poder (experiência revolucionária, experiência de lutas, experiência de subjetivação) e aos processos de subjetivação.

Na tentativa de fazer uma leitura conceitual dessa experiência religiosa, propomos com este artigo a apresentação da noção de *mística-minoritária*, conceito criado para a análise da experiência religiosa de homens transexuais. Para tanto, apropriamo-nos de dois conceitos base: o de *mística* em Michel de Certeau (2014, 2015), pensador reconhecido por seus estudos sobre o *cotidiano* e o *dedevir-minoritário*, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), especialmente na obra “Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia”. Recorremos a esses pensadores com o objetivo de compreender uma *mística menor*, potente e criativa.

Para Deleuze (1992, p. 45-46), a tarefa da filosofia é se ocupar da criação e invenção de novos conceitos. Diz ele: “os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso investigar, criar os conceitos, e nisso há tanta criação e invenção, quanto na arte ou na ciência”. Em vista disso, a *mística-minoritária* é um conceito criado para lançar luz sobre uma experiência que não está diretamente ligada a uma identidade religiosa, um conceito que diz sobre uma *estética da existência* (FOUCAULT, 2017). Para tanto, discorremos, a seguir, sobre três fontes que tem nos conduzido teoricamente na criação do conceito: considerações sobre a *mística*, num sentido amplo; a concepção de *mística* em Michel de Certeau; o conceito de *devir-minoritário* em Deleuze e Guattari. Por fim, apresentamos a nossa proposta: Por uma *mística minoritária*. Trata-se de uma formulação conceitual, que para fins deste artigo, ampara-se em dados etnográficos de uma experiência realizada pelo primeiro autor, no acompanhamento de um congresso

de igrejas e comunidades LBBTQI+ realizado por uma Igreja Inclusiva, parte do trabalho de campo da sua tese de doutorado.

### **Considerações sobre a mística**

Ao tratarmos os temas misticismo, mística e o místico (sujeito da experiência mística) nos deparamos com uma ampla publicação de textos que comportam posições bastante divergentes. Essas posições dizem respeito aos usos que a ciência, a filosofia e a religião têm feito da experiência mística. A produção de conhecimento sobre a mística se pluralizou nesses últimos três séculos, antes circunscrita ao místico das diversas comunidades religiosas, tornou-se a *mística* enquanto uma experiência humana, um objeto a ser conhecido e explicado.

Para discutir esse fenômeno nos apropriamos de algumas publicações de Michel de Certeau (1982, 2014, 2015, 2021), considerando que as suas análises são cuidadosas e para ele as *determinações geográficas e condicionamentos históricos* são imprescindíveis para a análise da mística. Nesse sentido, a mística e suas derivações (místico, misticismo e mistério) preconizam delimitações e ao tentarmos conceituá-la teremos que considerar o lugar onde a mística emerge (a sociedade, os grupos sociais específicos e suas tradições) e os condicionamentos históricos que operam sobre essa realidade (CERTEAU, 2021).

Para a filosofia tradicional, o misticismo é “toda doutrina que admite a comunicação direta entre o homem e Deus” (ABBAGNANO, 2007, p. 671). Historicamente, a palavra mística começou a ser usada, nesse sentido, na segunda metade do séc. V, nas obras de Pseudo-Dionísio, inspiradas no neoplatonismo daquela época, tendo como expoente o filósofo Proclo. Para essa doutrina é impossível qualquer comunicação com Deus por meio de procedimentos comuns do saber humano como, por exemplo, o uso da razão. “Por esse ponto de vista só se pode definir Deus negativamente (*teologia negativa*)” (ABBAGNANO, 2007, p. 671-672).

Entretanto, a perspectiva filosófica teológica insiste que haveria uma relação íntima, pessoal e originária entre o homem e Deus, e que “o homem pode retornar a Deus e unir-se finalmente a ele num ato supremo. Este é o *êxtase*, que Dionísio considera a *deificação* do homem” (ABBAGNANO, 2007, p. 672. Grifos do autor).

Essa compreensão sobre o misticismo e a mística foi se afirmando no pensamento filosófico. No entanto, no séc. XIV surge uma disputa sobre a qual domínio do conhecimento o misticismo e a mística pertenceriam. Para o teólogo e filósofo Mestre Eckhart, a filosofia, quando emprega a razão no campo da religião, tem como característica ser mais uma especulação sobre a fé. Para Mestre Eckhart, a mística pertenceria ao domínio do misticismo, composto pelas práticas místicas no cristianismo e que tem como seus maiores representantes Santa Teresa, Santa Catarina de Siena, S. Francisco, Joana D'Arc e outros que admitiram a comunicação direta com Deus (ABBAGNANO, 2007).

Os textos dos místicos do cristianismo, como as dos santos e santas acima citados, formavam o principal objeto de estudo da ciência e da filosofia. No início do século XX, intensificaram-se os debates e as produções sobre o tema. Certeau(2021) destaca as contribuições, especialmente da etnossociologia como, por exemplo: As formas elementares da vida religiosa, de Émile Durkeim (1912); A experiência mística e os símbolos entre os primitivos, de Lucien Lévy-Bruhl (1938); na fenomenologia, por meio dos trabalhos de Rudolf Otto e Mercea Eliade; além da história literária na obra O elemento místico da religião do filósofo e escritor católico Frederich Von Hugelou (1908).

Diante dessa vasta produção e dos pontos de vista diferentes, Certeau (2021) aponta algo que pode ser comum entre elas:

Essa abundante produção de textos comporta posições bastante diferentes, mas parece ter tido em comum o fato de atribuir a mística à mentalidade primitiva, a uma tradição marginal e ameaçada no âmbito das Igrejas ou a uma intuição que se tornou alheia ao entendimento ou, então, ainda um Oriente no qual se ergueria o sol do “sentido” ao passo que, no Ocidente, ele se encaminha para o acaso: a mística começa a ter por aí, como



lugar, *alhures* e, como signo, uma *antissociedade* que, apesar disso, representaria o fundamento inicial do homem (CERTEAU, 2021, p. 401. Grifos do autor).

As manifestações corporais apresentadas por alguns místicos também passaram pelo exame da ciência, especificamente o da psicanálise, sobre o diagnóstico de histeria e que, efetivamente, levou a mística feminina a ingressar no hospital psiquiátrico, assim como na idade média a levou para a Inquisição. Contrapondo-se à patologização das manifestações corporais, Certeau (2021, p. 406) observa que: “O místico serve-se de todos esses “fenômenos” psicológicos ou físicos com recurso para soletrar o “indizível”; ele fala assim de “algo” que já não pode dizer realmente com palavras”.

A resposta da população LGBTQIA+ às imposições das instituições religiosas hegemônicas não se resume à ruptura com a religião, mas sim a uma complexa rede de movimentos instituintes que tem se operacionalizado, como por exemplo, o surgimento de diversas igrejas inclusivas no campo do evangelismo e de grupos católicos organizados na “Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT”.

Para os homens transexuais, os que compartilharam conosco os seus relatos, a sociedade, efetivamente, pensa que sua transição de gênero é uma *mutilação*—como a mastectomia masculinizadora e a retirada do útero e ovários, procedimentos feitos por alguns homens trans. A essa questão, soma-se a disputa política sobre os corpos das mulheres, especificamente o direito das mulheres ao aborto seguro e a descriminalização do aborto feito por mulheres e meninas (pauta política que deveria incluir também os homens transexuais visto que eles também passam por violência sexual).

Esse contexto religioso evidencia uma produção de gênero e sexualidade que se constituem por binarismo, cisgêneridade e heterossexualidade. A heterossexualização teológica é amplamente debatida pela pesquisadora Marcella Althaus-Reid. A autora defende a construção de uma Teologia *Queer* e de um Deus *Queer* (título de seu livro lançado em 2019 no Brasil); “Queerizar a

teologia é o caminho da libertação do próprio Deus, além da nossa, e como tal se constitui numa crítica àquilo que a Teologia Heterossexual fez com Deus ao colocar o divino no armário” (ALTHAUS-REID, 2019, p. 21). Debate importante e que tem movimentado especificamente grupos evangélicos LGBTQIA+.

Contudo, percebemos que o misticismo, a mística e o místico ganham uma roupagem nova a depender das determinações geográficas e condicionamentos históricos, como afirmado por Michel de Certeau (2021). A nossa pesquisa tem se dedicado a observar aquilo que a população LGBTQIA+ tem produzido-criado enquanto espaço religioso (Igrejas Inclusivas, congregações religiosas que incluem pessoas LGBTQIA+ ou organizações de grupos LGBTQIA+ dentro da Igreja Católica); essas observações nos permitem ter um panorama geral desse movimento político religioso. De forma mais específica, tentamos aprofundar o tema da experiência mística, trazendo aqui, como foco, dados da literatura e de uma inserção no campo a partir de uma experiência de observação participante em um evento de uma Igreja Inclusiva.

### **Mística para Michel de Certeau**

De acordo com Certeau (2015, p. 114-115), a “Mística é um caso particular, mas que nomeia precisamente uma proliferação léxica em campo religioso”. Assim, o autor identifica a partir de uma perda de referência unívoca a multiplicidade da *palavra* que emerge em campo religioso cristão. “Então, a palavra não se molda mais, como fazia o adjetivo, sobre unidades substantivas de um grande Relato único (“bíblico”) para conotar suas múltiplas apropriações ou interiorizações espirituais”, diz ele.

O interesse de Michel de Certeau pelos estudos da linguagem, psicanálise e cultura coloca o *outro* como central nos seus estudos. O pensador estava interessado pela produção de novos significantes que emergem numa cultura e que estão atrelados à experiência cotidiana dos sujeitos. A própria mística e a

feitiçaria são fenômenos que ocorrem nas bordas daquilo que a nossa sociedade reconhece como central – a instituição religiosa.

A experiência mística expressava *modos de proceder* que, em alguma medida, afastam-se dos códigos instituídos pelas religiões. Para Certeau:

torna-se místico o que se afasta das vias normais ou correntes; o que já não se inscreve na unidade social de uma fé ou de referências religiosas, mas à margem de uma sociedade que se laiciza e de um saber que se constitui como objetos científicos (CERTEAU, 2021,p.403).

Certeau foi um estudioso que olhava para o cotidiano, para as diversas formas de expressões culturais, para os trabalhadores das indústrias, para a dona de casa no seu simples ato de cozinhar ou de fazer compras no mercado. Seu principal objeto era o *modo de operação ou esquemas de ação*, que se expressam por procedimentos populares (também *minúsculos* e cotidianos) que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los (CERTEAU, 2014). Os seus procedimentos de pesquisa e grupos de estudo se davam em acompanhar ou conversar com *pessoas comuns* no seu ato de fazer. Um exemplo de relato de pesquisa de Luce Giard, ex-aluna e integrante do grupo de pesquisa de Certeau intitulado *Arte de Nutrir – Vozes de mulheres*, evidencia esse interesse pela linguagem, pelas miudezas do cotidiano, pelos silenciamentos que daí decorrem e pelos modos de contra controle a essas práticas de vigilância:

essas conversas não tinham por meta desembaraçar das imagens subjacentes nem desvendar raízes inconscientes, nem definir ou classificar tipos de atitude. Sua intenção era *apenas escutar mulheres falar*: falar daquilo que, comumente, ninguém quer ouvi-las, ninguém lhes dá atenção. Assim se pode aprender delas e só delas como se apresentam seu papel e sua competência, se elas dão importância ao seu saber-fazer e que secreta lealdade elas investem para encontrar uma maneira pessoal de cumprir uma tarefa imposta (GIARD, 1994/2013, p. 222).

É nesse mesmo sentido que a mística entra nesse rol de “procedimentos populares”. A voz ou o texto místico são entendidos como a emergência de um *outro* enquanto corpo e palavra, no seu processo de diferenciar-se de um texto de palavra única, ou seja, o texto bíblico.

Em “Da divisão das igrejas à Razão de Estado - Século XVII”, Certeau (1982, p. 156-157) explicita que o “ateísmo, feitiçaria, mística: estes três fenômenos sincrônicos traduzem igualmente o fato de que as Igrejas se tornam inaptas para prover referências”. Certeau (1982) compreende esses fenômenos como sintomas contemporâneos associados à divisão das Igrejas (a crise da Igreja Católica). Essa passagem histórica é marcada pelo período em que emergem esses *outros* enquanto alteridade (o feiticeiro, o possuído e o místico) sobre os quais Certeau se dedicará ao estudo e pesquisa, em especial à “mística”.

É interessante observar o caminho que ele empreenderá que não se restringe a uma visão especular sobre o outro, “toda a análise da história e do social, o que inclui a religião, é um constante discurso *heterológico*, ou seja, a consideração pelo *outro* enquanto o diferente ou o *outro*, melhor dizendo, enquanto lugar de produção das diferenças” (REIS, 2018, p, 70. Grifo do autor).

Ainda sobre a fala (palavra), Almeida (2019), a partir de seu estudo sobre a mística como poética social, descreve que os objetos do discurso místico são as orações e as relações espirituais:

os objetos dos discursos místicos são a oração e as relações espirituais, sejam elas comunitárias ou a direção espiritual. São objetos reveladores dessa vontade de comunicação que Michel de Certeau reassume na palavra «conversar» ou «*colloquium*» empregadas tanto para indicar o falar com Deus ou com os «outros» (ALMEIDA, 2019, p.215).

Nesse sentido, o pensamento certeuniano vai contra o modelo unitário da cultura, “uma religião imposta a todos, uma ideologia do Estado, ou “o humanismo” de uma classe colonizadora. Que grupo tem o direito de definir, em lugar dos outros, aquilo que deve ser significativo para ele?” (CERTEAU, 2014, p. 142).

Em 1982, foi publicada uma entrevista na revista *Esprit* traduzida e publicada no Brasil, intitulada Histórias de Corpos, realizada com Michel de Certeau, por Georges Vigarello (2002). Nessa entrevista Certeau fala sobre a relação entre o corpo e a voz:

Quanto à Bíblia, esse corpo falante do passado, ela é parcialmente substituída pelos corpos místicos. Esses corpos falam. São majoritariamente corpos femininos. A hermenêutica tradicional se desloca, pois, da Bíblia a esses corpos. As inumeráveis biografias de santos, de místicos no século XVII são escritas por clérigos que procuram decifrar o sentido dessas vozes. *São exegeses clericais masculinas de corpos femininos* continuam, como nas glosas tradicionais, a ser textos que se autorizam uma voz. (CERTEAU apud VIGARELLO, 2002, p. 412, grifos nossos).

A mística, em alguma medida, é uma produção poética, algo que escapa a esse controle. Os relatos e as práticas de pessoas LGBTQIA+ fazem ver a criação de novos instituídos: a mística como instauração de outras palavras que não as do discurso oficial; a mística como desvio ou *traição* da lógica instituída; a mística astuciosa, a que foge do poderio hetero-cis-normativo teológico. Está vinculada à cultura comum e cotidiana enquanto apropriação (reapropriação), o consumo ou recepção considerada como “uma maneira de praticar”, enfim a necessidade de elaborar modelos de análise que correspondam a essas trajetórias (as séries de operações articuladas umas às outras no tempo) (GIARD, 2014, p. 16).

Nesse sentido, a mística se constitui por microrresistências e cria microliberdades.

As práticas religiosas hegemônicas são descendentes do processo colonizador que se reedita e esses sujeitos a elas escapam, delas se desviam ou se apropriam, para subvertê-la ou metamorfoseá-las. Na nossa perspectiva de análise, que se debruça sobre as experiências religiosas de homens transexuais, temos procurado ampliar o conceito de mística para conhecer uma outra prática religiosa, que acontece longe dos olhos das grandes instituições religiosas, especificamente como esses homens transexuais têm se apropriado dos símbolos e rituais religiosos potencializando uma multiplicidade de experiências místicas.

### **Devir-minoritário em Deleuze e Guattari**

De acordo com Deleuze e Guattari (1997), o devir-minoritário é um processo singular e revolucionário que emerge a partir de uma diferenciação em

relação aos modelos de identificação. Devir é pura diferença, criação de novas subjetividades, transição e expressão de si. O indivíduo em processo de devir-minoritário pode estar integrado a um grupo social ou possuir o *rostro* que o identifica a esse grupo; o devir-minoritário opera pela “desrostificação” e “desidentificação”. Para os autores, o “devir-minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 89).

Em entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri (1990), este pergunta: Como o devir minoritário pode ser poderoso? Como a resistência pode se tornar uma insurreição? Deleuze responde que:

Quando uma minoria cria modelos para si, é porque ela quer se tornar majoritária, e essa criação é sem dúvida inevitável, tendo em vista sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, a criação de um Estado, de um reconhecimento, da imposição de seus direitos). Mas o seu poder vem daquilo que ela soube criar, e que entrará mais ou menos no modelo, sem dele depender. O povo é sempre uma minoria criativa e que assim permanece mesmo quando conquista uma maioria: as duas coisas podem coexistir porque não se dão no mesmo plano (DELEUZE apud NEGRI, 1990, p. 70).

Sobre as diferenças entre minoria e maioria, Deleuze e Guattari (1997, p.88) descrevem: “É preciso não confundir “minoritário” enquanto devir ou processo, e “minoridade” como conjunto ou estado. Os judeus, os ciganos etc., podem formar minorias nessas ou naquelas condições”. Minoridade está relacionada a um estado identitário de um conjunto de pessoas como, por exemplo, a minoria LGBTQIA+, a negra, a de mulheres, a de pessoas em situação de rua, a indígena etc.

Ainda sobre a noção de minoritário e minoria, Deleuze (1992) descreve que todos nós podemos ser tomados por um devir minoritário que nos arrastaria por caminhos desconhecidos caso consentisse segui-lo. Entretanto, “quando uma minoria cria para si modelos, é porque quer tornar-se majoritária, e sem dúvida isso é inevitável para sua sobrevivência ou salvação (por exemplo, ter um Estado, ser reconhecido, impor seus direitos)” (DELEUZE, 1992, p. 214).

Nesse sentido, a maioria não está relacionada a uma ideia de quantidade e sim a um padrão que supõe uma dominação sobre as minorias. Deleuze e Guattari (1997) explicitam que:

Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual, tanto as quantidades maiores quanto as menores, serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho etc. Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 76-77).

É importante ainda diferenciar esses dois conceitos (minoritário e minoria) do conceito de “maioria”, este último relacionado à produção de uma imagem ideal imposta, que estabelece uma relação de dominação. Nas sociedades ocidentais, há uma produção de um rosto majoritário e padrão, a do branco, heterossexual e europeu. Diferentemente, a minoria é sempre referencial, relacionada a um grupo identitário, a um conjunto, mas ainda não é o suficiente para fazer dela devires. Reterritorializamo-nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como estado; mas desterritorializamo-nos num devir (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Nesse sentido, a desterritorialização ocorre sempre como um processo minoritário.

A noção de território é importante para entendermos a constituição de certas identidades de minorias. Para Guattari e Rolnik:

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Os processos de devir-minoritário e a participação das minorias no cenário político apontam, por um lado, para um desejo implicado na constituição de uma sociedade mais democrática, por outro, a imposição de um rosto de maioria está atrelada ao autoritarismo e autocracia. O Brasil tem se destacado pela violação

dos direitos das minorias e os homicídios de populações de mulheres, negras, indígenas e indigenistas, por exemplo, faz ver uma produção de ódio às minorias.

Fuganti (2012), ao se referir ao devir, fala desse desejo implicado enquanto produtor de uma realidade, do desejo direcionado à amplificação e a expansão da capacidade de existir. Para o autor, “há uma profunda implicação política e ética do desejo quando ele faz do devir o primeiro constituinte da realidade, seu único substrato” (FUGANTI, 2012, p. 74). Ao problematizar o desejo implicado no devir, o autor nos chama a atenção para sua variante: o “devir por ódio só mesmo quando ressentimos a mudança, e então nos perdemos, nos atolamos ou afundamos em algo que nos aconteceu, deixamos uma paixão dominar, tomar conta de nós até a tirania” (p. 75).

Sobre a noção do devir, Fuganti descreve:

Devir: potência em ato; desejo sempre preenchido pelo ato imanente àquilo que acontece. Há algo no acontecimento que preenche necessariamente o desejo. Não há outro objeto do desejo ou do devir: é o acontecimento mesmo que coincide com o próprio ato de criação de si e do existir. No mesmo sentido, portanto, que se diz do ato de criação de tudo o que deriva de si (FUGANTI, 2012, p. 76).

As noções de minoria, devir-minoritário e maioria sugerem um funcionamento em planos e variações, como um sistema integrado, aberto e produtor de tensionamentos. Nesse sentido, o devir-minoritário enquanto força criadora pode, em alguns momentos, compor com a minoria com o objetivo de reconhecimento e conquista de direitos, e essa composição é importante em contextos não democráticos. Em outros momentos, essa força criadora pode operar por desidentificação ou desterritorialização. Todo esse movimento de criação não se dá fora de zonas de conflito que acontecem entre essas variações.

Vale destacar que, entre os anos 1970 e 1990, os pensadores Deleuze e Guattari estavam voltados para pesquisas sobre a produção ativa dos sujeitos. Finalizamos essa sessão com uma citação direta que explicita essa questão:

A subjetividade moderna reencontra o corpo e seus prazeres, contra um desejo tão submetido à Lei[...] A luta por uma



subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à variação, à metamorfose (DELEUZE, 2013, p. 113)

### **Por uma mística-minoritária**

*Amística-minoritária* é uma concepção focalizada sobre os modos de criação produzidos por sujeitos LGBTQIA+ a partir de uma experiência subjetiva em territórios religiosos hegemônicos. Muitos desses sujeitos abandonam suas religiões devido à discriminação, enquanto outros criam novas formas de vida religiosa. Nesse sentido, a mística-minoritária é um tipo de conceito analisador desses modos de criação. A mística-minoritária, enquanto experiência, faz fronteira com a religião, mas não se deixa invadir ou ser domesticada por ela.

A *mística-minoritária* aponta para uma contrarreligião, seja por rupturas ou por criação de novas subjetividades. Isso não quer dizer que não há conservação de alguns elementos da religião originária. A mística-minoritária opera por dentro de um território religioso já dado. Podemos dizer que o devir místico é molecular, move-se por dentro de território religioso que é molar. Assim, encontramos uma multiplicidade de apropriação de símbolos religiosos, de discursividades, que apontam para um processo de devir místico.

Ao trazer o conceito de devir para o campo das religiões e sua relação com população LGBTQIA+ temos como objetivo apontar para um processo que acontece por diferenciação da experiência religiosa. Há um devir-místico ou uma mística-minoritária que opera pela criação de novos territórios e novas subjetividades e do ponto de vista político é um movimento importante que, para nós, deve ser pesquisado, porque fala de um campo de estudo pouco explorado sobre a experiência religiosa de homens trans, especificamente.

A seguir, trazemos alguns dados do campo, coletados a partir de observação participante, que amparam a nossa teorização, ao evidenciarem

práticas de reapropriação, desvios e reinvenção que surgem em território religioso, apontando à produção do que estamos chamando de mística-minoritária.

A imersão foi feita como etapa inicial da pesquisa de campo para a tese de doutorado do primeiro autor, que teve o objetivo de conhecer e analisar a experiência religiosa de homens transexuais, a partir das suas trajetórias religiosas, de suas práticas cotidianas de religiosidade e de saberes produzidos por lideranças religiosas sobre transmasculidade. Para tanto, foram utilizados múltiplos procedimentos metodológicos, dentre os quais: a construção de um mapeamento de práticas religiosas de Igrejas Inclusivas brasileiras através dos sites de três congregações religiosas, participação em eventos e atividades referentes ao tema e entrevistas a garotos transexuais membros de um coletivo político-afetivo na cidade de Manaus.

A entrada no campo foi realizada, inicialmente, através de uma experiência etnográfica, prática que se ancora não apenas em procedimentos e etapas definidas enquanto programa de investigação, mas na vivência intensa de imersão continuada no campo, por um determinado período de tempo (MAGNANI, 2009), tendo como recurso principal a observação participante. Por meio dela o investigador se deixa afetar “de perto e de dentro” pelo campo (MAGNANI, 2002). A experiência foi realizada durante três dias intensos, no acompanhamento de um congresso na cidade de São Paulo, que reuniu igrejas e população LBBTQI+ e outras pessoas interessadas.

A observação participante se caracteriza por interações sociais intensas entre pesquisador e sujeito no campo, a partir de situações naturais, durante acontecimentos corriqueiros ou extraordinários, no momento exato da sua realização. Esse tipo de imersão no campo, que privilegia a participação de modo ativo, permite que o pesquisador, na condição de integrante do grupo (provisório ou permanente) compartilhe experiências e atividades. A “observação ao vivo”, as conversas informais, a entrevista etnográfica e outras fontes de dados levam o

pesquisador a adquirir um “conhecimento de membro” do grupo que estuda (LAPASSADE, 2005, p. 70).

Nesta aproximação etnográfica ao campo, durante o “1º Congresso de Igrejas e Comunidade LGBTI+”, em abril de 2019, na cidade de São Paulo, foi possível identificar algumas apropriações de símbolos religiosos ou reinvenção do espaço religioso. O evento que aqui descremos teve como sede uma Igreja Anglicana, e aqui o inserimos, trazendo elementos que sustentam a nossa hipótese da produção de uma mística-minoritária.

Na entrada principal da Igreja Anglicana nos deparamos com um mural de avisos, nele estava destacada a história de casais homossexuais que pertenceram a Igreja Católica, imagens de santos e santas católicas, como: Sérgio e Baco; Felicidade e Perpétua; Polieucto e Nearco. A Igreja estava ornamentada com símbolos representativos da comunidade LGBTQIA+, as cores das velas na mesma tonalidade da bandeira do movimento e no altar da Igreja, ao fundo, uma grande bandeira do arco-íris e a sua frente um crucifixo de madeira. Esses elementos que integram a cultura LGBTQIA+ e o cristianismo sugerem um fenômeno de expressão, de reapropriação, através de seleção e síntese de elementos culturais que são distintos.

Durante o evento ocorreu uma “Espiritualidade de Abertura”. Nessa acolhida, destaca-se o texto utilizado e a música. O reverendo da Igreja iniciou a liturgia dizendo: “Saúdamos as diferentes pessoas que se encontram na mesma caminhada da inclusão. Em nome da vida partilhada e da morte vencida.” Após a leitura desse texto o Reverendo convidou a todos a cantar a música “Os devotos do Arco-íris (baseada na letra “Bandeira do Divino”, de Ivan Lins)”. Todos acompanharam cantando. Um trecho da música diz assim: “Os devotos do ARCO-ÍRIS/Vão abrir sua morada/Pra bandeira do Menino/Ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai/Os devotos do ARCO-ÍRIS/Vão abrir sua morada/Pra bandeira do Menino/Ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai”. Esse texto e a música, em alguma medida, explicitam as reapropriações e substituições de palavras, sugerindo um

processo de inventividade e criatividade e, apontam ainda, para uma “micropolítica ativa”.

Após a canção, houve um momento de “Oração para a visibilidade de pessoas trans”. Destacamos alguns trechos que consideramos relevantes: “Lamento e proclamação/Leitor (a) 1: Até quando, ó Deus?/Até quando travestis, mulheres transexuais, homens trans e pessoas intersexo seremos constrangidos a termos prejuízos em nossas vidas por sermos quem somos?/Até quando devemos suportar a dor em nossas almas e ter tristeza em nossos corações a cada dia?/Até quando teremos pessoas que se colocam como nossas adversárias nos perseguindo, nos ridicularizando e se regozijando como nossa desgraça?” (Adaptado do Salmo 10 da Bíblia).

É interessante perceber como as orações expressam e descrevem o contexto de violência que a população transgênera vivencia no Brasil. Outra parte da oração é assim descrita: “Centenas de pessoas trans são assassinadas a cada ano em nosso país, fazendo-o ser reconhecido com um dos que mais mata pessoas trans no mundo – um lugar em que pessoas trans têm menos da metade da expectativa de vida das demais, têm um cotidiano marcado por toda sorte de violência; no qual, ainda hoje, a maioria dessas pessoas não alcança a mesma escolaridade que a as outras e é empurrada, sem outra opção, para ocupações marginalizadas. Então, travestis, mulheres transexuais, homens trans, pessoas intersexo e em não conformidade com o gênero designado no nascimento pensam: “Deus me desamparou e não olha para minha situação”. Ó Eterno, é hora de levatares sua mão e de agir em favor destas pessoas oprimidas” (Adaptado Salmo 10 da Bíblia).

Como dito anteriormente, a mística-minoritária é um conceito para análise da experiência religiosa de homens trans. Há um depoimento muito instigante de um dos garotos ao considerar que sua espiritualidade é artesanal. Ele fala de uma *espiritualidade artesanal*, como uma prática que se dá a partir de um *gesto* (rezar o terço, orar, fazer uma cerveja etc.), e nesses *gestos* produz a sua vida

espiritual como uma obra de arte, como uma estética da existência (FOUCAULT, 2017). Essa é uma demonstração de como a mística-minoritária, protagonizada pelo sujeito, vai se constituindo nessa composição de elementos distintos, elementos vindos de fora (o terço, os banhos de limpeza, os textos espíritas), mas há também os elementos intrínsecos, algo que é próprio dessa experiência religiosa singular.

### **Considerações finais**

Pensando no lugar que as religiões ocupam na contemporaneidade e percebendo como elas têm influenciado nas decisões de temas de interesse público, especificamente sobre questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, procuramos trazer para o debate questões direcionadas à autonomia dos sujeitos para invenção e criação de outros espaços religiosos. É comum o silenciamento sobre a experiência religiosa, pois a população LGBTQIA+ trata as histórias de violência que ocorrem no interior das congregações religiosas como um fato da vida privada, o que revela a importância de transformar essas histórias em acontecimento público e político.

Desse modo, a livre vivência religiosa não está dada para população LGBTQIA+. Há o desafio de constituição de verdades sobre si, onde a produção de uma vida religiosa está atravessada por questões de ordem moral. Entretanto, nosso campo de pesquisa indicam uma rica produção de outras religiosidades: novas imagens, releituras, reapropriações, metamorfoses são elementos que indicam a criação de espaços de liberdade e resistência.

Não há uma produção religiosa sem um corpo que a produz, em outras palavras, só há instituição religiosa a partir de práticas desses corpos. Nesse sentido, gênero e sexualidade quando são vistos, principalmente e exclusivamente por uma ótica religiosa instituída, ocorrem por meio da objetificação ou exclusão de corpos. No contexto brasileiro, isso fica bastante

evidente ao olharmos a batalha política-religiosa sobre os corpos de LGBTQIA+ e de mulheres.

Na nossa pesquisa, alguns temas aparecem como relevantes para as análises da experiência religiosa de homens: *elementos estéticos* que surgem a partir da reapropriação do religioso – escritos, imagens, orações, teologias, *elementos discursivos* que se caracterizam pela produção de uma pluralidade discursiva, hegemônicos e contra hegemônicos; *acontecimentos históricos e fatos sociais* que implicam a sociedade como um todo, por exemplo, o alto índice de assassinato da população trans; *práticas de resistência* por meio da autonomia no cuidado de si, constituindo práticas de liberdade.

Assim, no contexto de produção de uma nova vida religiosa encontramos elementos dissonantes: por um lado, a potência da reinvenção de novas práticas e símbolos, elementos que apontam à produção da vida; de outro lado, assassinatos que expressam um desejo de eliminação da população de LGBTQIA+ no plano macropolítico, e as discriminações, exclusões e preconceitos que silenciam essa população e as afasta do direito ao exercício da religiosidade. Nesse sentido, estamos diante de vidas tensionadas entre a produção de vida e de morte. O campo de pesquisa mostra que apesar das políticas genocidas contra a população LGBTQIA+, ela resiste e a religião tem surgido como uma possibilidade de enfrentamento, de fortalecimento da vida, na perspectiva de uma vida mística-minoritária, sempre dissidente, sempre devir.

Finalizamos o presente artigo com o desejo que ele possa contribuir para o debate público sobre a problematização das religiões, evidenciando que é possível outra experiência religiosa fora dos códigos morais, cuja estética da existência, ela própria, é uma micropolítica transformadora do instituído, princípio fundamental para mudanças no campo político.

## **Referências**

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

- ALTRAUS-REID, Marcella. *Deus Queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- ALMEIDA, Gabriel. Mística como poética social. A fábula de Michel de Certeau. *Teoliterária*. v. 9. n. 17. p. 2012-2042, 2019.
- CERTEAU, Michel de. *Michel de certeau: a escrita da historia*. Rio de Janeiro: Forense Universtiária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A fábula mística - séculos XVI e XVII*. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- CERTEAU, Michel de. O lugar do outro: história religiosa e mística. Tradução: Guilherme de Freitas Teixeira. 1 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. *Cadernos Pagu* (53), 2018.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1982.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *O enigma da revolta – entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana*. Tradução: Lorena Balbino. 1 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- FUGANTI, Luiz. *Devir*. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci. (orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- GIARD, Luce. Artes de nutrir. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (Org.). *A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2013.
- GIARDE, Luce. *A produção dos consumidores*. In: CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- HONORATO, I. B. *Entre tensionsamentos e disputas: Família , religião e o processo de se assumir entre jovens de uma Igreja Inclusiva de Manaus*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal Do Amazonas, 2016.
- JESUS, Fátima. W. Cruz e o Arco-Íris: Refletindo sobre Gênero e Sexualidade a partir de uma “Igreja Inclusiva” no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, 12(12), p. 131–146, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-2650.12731>. Acesso em: 29 fev. 2010.
- LAPASSADE, George. *As microssociologias*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- NARDI, Henrique. C; MACHADO, Paula. S; SILVEIRA, Raquel. da S. *Diversidade Sexual e Relações de Gênero nas Políticas Públicas: o que a laicidade tem a ver com isso?* Associação Brasileira de Psicologia Social. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/youhe/Downloads/kdoc\\_o\\_00042\\_01.pdf](file:///C:/Users/youhe/Downloads/kdoc_o_00042_01.pdf). Acesso em: 25 maio

2022

MAGNANI, José Cantor Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/> Acesso em: 31 mar. de 2023.

MAGNANI, José Cantor Guilherme. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15 (32), 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/> Acesso em: 31 mar. 2023.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e cura em Perspectivas Pastorais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 21. São Paulo: Edusc, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo; Oliveira, Leandro. *As novas guerras sexuais : diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NEGRI, Toni. *O devir revolucionário e as criações políticas: entrevista de Gilles Deleuze a Toni Negri*. Tradução: João H. Costa Vagas. Novos Estudos CEBRAP, n. 28, p. 67-73, 1990.

RAGO, Margareth. Comentários ao texto Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião, de Elina Viola. In: ROSADO, Maria José (Org). *Gênero, feminismo e religião*. 1 ed. Rio de Janeiro: Gramonde, 2015.

REIS, Gustavo. *As texturas heterológicas: trajetórias místicas em Michel de Certeau*. Estudos de Religião. v. 32. n. 2. 2018.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin. Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

ROSADO, Maria José (Org). *Gênero, feminismo e religião*. 1 ed. Rio de Janeiro: Gramonde, 2015.

VIGARELLO, Georges. *História de corpos: Michel de Certeau*. Revista Esprit, n. 62, Paris, fevereiro de 1982. Tradução: Márcia Monsor D'Alessio. Proj. História. São Paulo: PUC-SP, 2002.

VIOLA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: ROSADO, Maria José (Org). *Gênero, feminismo e religião*. 1 ed. Rio de Janeiro: Gramonde, 2015.

Recebido em 24-02-2023.  
Aprovado em 04-04-2023.